

# EXPORTAÇÕES BRASILEIRAS DE MEL NATURAL NO PERÍODO 2001-2003

Luís Henrique Perez<sup>1</sup>  
José Venâncio de Resende<sup>2</sup>  
Benedito Barbosa de Freitas<sup>3</sup>

## 1 - INTRODUÇÃO

A exportação de mel no País, até um passado bastante recente, era pouco representativa. Em 2001, o Brasil, com vendas externas de apenas 2,8 milhões de dólares (equivalente a 2,49 milhões de quilos), não aparecia na lista dos maiores exportadores mundiais de mel (respondia por 1% ou pouco mais do total). De um total mundial de 440,1 milhões de dólares em exportações, dos principais produtores a China respondia por 98,8 milhões de dólares e a Argentina, por 71,5 milhões de dólares. Com a queda das exportações argentinas, devido à ocorrência da criaprútrida na produção (doença que ataca as abelhas e não tem cura) e à suspensão das importações chinesas por parte da União Européia (por causa da detecção de clorofenicol no mel daquele país), o Brasil passou a ser procurado por importadores norte-americanos e europeus. Além disso, o câmbio favorável, a partir de 1999, contribuiu para deslançar as exportações brasileiras. Tanto assim que, em 2002, os embarques brasileiros aumentaram mais de 4.000 pontos percentuais em relação a 2000, principalmente para os Estados Unidos (PEREZ; FREITAS; RESENDE, 2003a).

Apenas no primeiro trimestre de 2003, a quantidade vendida no mercado internacional cresceu 288,79%, 4,51 milhões de quilos, em relação ao mesmo período do ano anterior. Em termos monetários, as exportações expandiram sete vezes, para 10,54 milhões de dólares. Entre os Estados brasileiros, despontava o Piauí, que não tinha tradição em mercado e exportou 923,5 mil quilos (2,22 milhões de dólares) no período. A

Região Nordeste também começava a se destacar em termos de produção, com 3,799 milhões de quilos em 2001, um acréscimo de 38,2% em relação a 1996. A produção do Piauí cresceu mais (53,2%) do que a média regional no mesmo período, para 1,741 milhão de quilos (PEREZ, FREITAS, RESENDE, 2003b).

O objetivo deste trabalho é caracterizar as mudanças ocorridas na estrutura produtiva e exportadora do mel brasileiro, nos primeiros anos do século XXI.

## 2 - MATERIAL E MÉTODOS

As séries de dados de produção, exportação e importação de mel no mundo e nos países, em 2002, foram obtidas no banco de dados da FAO (2004). Na produção, destacaram-se os países com 22 mil toneladas ou mais, que representaram 79% do total. Nas exportações, o destaque foram os países com valores iguais ou superiores a 6.861 toneladas (ou seja, tomou-se por base a quantidade exportada pelos EUA), conjunto responsável por 89% do valor mundial e, nas importações, ressaltou-se o mesmo número de países, totalizando 92% do comércio global.

Para analisar a evolução das exportações brasileiras de mel, foram utilizados dados da Secretaria de Comércio Exterior (DECEX, 2004), informações anuais referentes ao período 2001-03, em nível de mercadoria da Nomenclatura Comum do MERCOSUL (NCM), por países de destino e por Unidades da Federação de origem. Destacaram-se os cinco países (Alemanha, Estados Unidos, Reino Unido, Bélgica e Espanha) que importaram 98,5% do mel brasileiro e os seis Estados (São Paulo, Santa Catarina, Piauí, Ceará, Paraná e Minas Gerais) que exportaram 97% do valor produto, em 2003.

As séries referentes à produção de mel no Brasil, estados, regiões e microrregiões ho-

<sup>1</sup>Engenheiro Agrônomo, Mestre, Pesquisador Científico do Instituto de Economia Agrícola.

<sup>2</sup>Jornalista, Assistente Técnico de Pesquisa Científica e Tecnológica do Instituto de Economia Agrícola.

<sup>3</sup>Economista, Assistente Técnico de Pesquisa Científica e Tecnológica do Instituto de Economia Agrícola.

mogêneas, no período 1999 a 2002, em kg, foram coletadas do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE, 2004). Calcularam-se a variação percentual e absoluta na produção, entre os pontos extremos do período, e a participação relativa, de cada região brasileira no total do País, ano a ano.

As informações qualitativas foram obtidas em entrevistas com especialistas em apicultura e dirigentes de entidades representativas de apicultores.

### 3 - RESULTADOS E DISCUSSÃO

Neste item, serão analisados o desempenho das exportações brasileiras, a produção brasileira e as principais Microrregiões Homogêneas do Nordeste.

#### 3.1 - Exportações

O valor das exportações de mel brasileiro, em 2003, ultrapassou os 39,4 milhões de dólares, aproximando o País dos líderes do mercado mundial (SECEX, 2004). Com vendas externas de apenas 2,8 milhões de dólares, em 2001, o Brasil não aparecia na lista dos maiores exportadores mundiais (com 1% ou pouco mais do total). Já em 2002, o país surge como o nono maior exportador, com 23,1 milhões de dólares, ultrapassando países como Vietnã, Austrália, Uruguai, Romênia, Índia, França, Itália e outros (FAO, 2004).

A China é o maior produtor mundial de mel (267,8 mil toneladas, em 2002), quantidade três vezes maior que a produzida pela Argentina, segundo maior produtor (85 mil toneladas no mesmo ano). Mesmo assim, o vizinho brasileiro platino recuperou-se do mau desempenho de anos anteriores e reassumiu a liderança do mercado mundial. Os Estados Unidos, que ocupam o terceiro lugar na produção, são os maiores importadores mundiais (disputam e se alternam na posição com a Alemanha) (Tabela 1).

Alguns países parecem exportar mais do que produzem, casos de Argentina, México, Canadá, Alemanha e Hungria, entre os maiores. Alguns deles possuem estruturas tradicionais, por meio das quais importam mel mais barato, misturam com suas produções e reexportam o produto com marca própria. Finalmente, alguns países da

África (Etiópia, Tanzânia, Angola e Quênia) e da Ásia (Índia, Ucrânia e Irã) são grandes produtores e consumidores, constituindo-se o mel em importante alimento para a sobrevivência de suas populações.

A Alemanha, em 2003, retomou o papel de principal importador do mel brasileiro, perdido, em 2002, para os Estados Unidos. O valor de 20,9 milhões de dólares das aquisições germânicas foi mais que o dobro do valor registrado em 2002 (131,6%) e quase dez vezes o de 2001. A disputa internacional pelo produto brasileiro elevou o seu preço, de US\$1,13/kg em 2001 para US\$2,34/kg em 2003 (27,9% maior que o de 2002). Reino Unido e Bélgica (que não eram compradores tradicionais do Brasil), além da Espanha, também incrementaram significativamente suas compras, contribuindo para o excelente desempenho brasileiro. Outros países quadruplicaram (323,7%), em 2003, o valor da compra de mel brasileiro, em relação ao ano anterior, diversificando ainda mais o rol de clientes atendidos (Tabela 2).

O Estado de São Paulo foi responsável por mais de 30% do mel exportado pelo Brasil, em 2003. No entanto, a expansão do valor do produto expedido por firmas paulistas foi de 22,7%, em relação a 2002, enquanto o Piauí (Estado que não exportou em 2001) atingiu 436,3%; Paraná, 116,1%; Santa Catarina, 75,5%; Ceará, 46,3%; e outros estados, 597,5%. Com isso, as empresas paulistas, que foram as primeiras a reunir grandes quantidades de mel para enviar ao exterior, mantiveram a hegemonia, mas perderam participação relativa (Tabela 3).

No País, o Estado de São Paulo respondeu mais rapidamente à conjuntura favorável às exportações, comercializando mel adquirido inclusive no Nordeste. Como a produção de mel é pouco elástica e não se pode elevá-la rapidamente dobrando o turno ou a área cultivada, ao longo de 2002/03 houve uma acirrada competição entre compradores para adquirir o mel, principalmente do Ceará e do Piauí. Agora, os produtores do Nordeste se organizaram e estão exportando diretamente, com grande apoio governamental (SILVA, 2004)<sup>4</sup>.

<sup>4</sup>Pesquisadora e professora da Universidade Estadual de Santa Cruz (UESC), Bahia.

TABELA 1 - Produção e Principais Países Produtores, Exportadores e Importadores de Mel, 2002

Exportadores	US\$1.000	Importadores	US\$1.000	Produção	t
Argentina	114.170	Estados Unidos	165.706	China	267.830
China	80.889	Alemanha	161.609	Argentina	85.000
México	65.013	Japão	56.362	Estados Unidos	77.611
Canadá	57.155	Reino Unido	51.695	Turquia	60.190
Alemanha	53.465	França	35.889	México	58.890
Hungria	36.605	Itália	27.900	Índia	52.000
Espanha	31.983	Arábia Saudita	19.751	Ucrânia	51.144
Turquia	30.687	Bélgica	17.415	Rússia	49.400
Brasil	23.141	Espanha	16.919	Canadá	33.297
Vietnã	17.982	Canadá	14.856	Espanha	33.000
Austrália	16.281	Suíça	14.401	Etiópia	29.000
Uruguai	14.654	Holanda	12.198	Irã	28.045
Romênia	12.359	Áustria	11.933	Tanzânia	26.500
Índia	10.880	Dinamarca	8.464	Coréia	25.500
França	10.568	Austrália	7.840	Angola	23.000
Itália	9.731	Suécia	6.606	Austrália	22.000
Bélgica	9.625	Grécia	5.308	Brasil	22.000
Chile	9.300	Emirados Árabes	4.964	Alemanha	22.000
Nova Zelândia	9.062	Polônia	4.860	Quênia	22.000
Estados Unidos	6.861	Tailândia	4.350		
<b>Subtotal</b>	<b>620.411</b>	<b>Subtotal</b>	<b>649.026</b>	<b>Subtotal</b>	<b>988.407</b>
Outros	77.036	Outros	54.182	Outros	269.671
<b>Total</b>	<b>697.447</b>	<b>Total</b>	<b>703.208</b>	<b>Total</b>	<b>1.258.078</b>

Fonte: Elaborada pelos autores com dados básicos da FAO (2004).

TABELA 2 - Exportações Brasileiras de Mel, por País, 2001 a 2003

País	2001			2002		
	Quantidade (t)	Valor (US\$1.000)	Preço (US\$/t)	Quantidade (t)	Valor (US\$1.000)	Preço (US\$/t)
Alemanha	2.106,83	2.342,99	1,11	5.391,36	9.036,02	1,68
Estados Unidos	292,63	329,07	1,12	6.139,39	12.417,86	2,02
Reino Unido	0,00	0,00	-	702,81	1.051,56	1,50
Bélgica	0,00	0,00	-	223,91	375,98	1,68
Espanha	41,02	52,83	1,29	102,60	117,32	1,14
Outros	48,19	84,47	1,75	80,43	142,48	1,77
<b>Total</b>	<b>2.488,67</b>	<b>2.809,35</b>	<b>1,13</b>	<b>12.640,49</b>	<b>23.141,22</b>	<b>1,83</b>
País	2003			Var. % 2002-03		
	Quantidade (t)	Valor (US\$1.000)	Preço (US\$/t)	Quantidade	Valor	Preço
Alemanha	8.929,69	20.927,21	2,34	65,6	131,6	39,8
Estados Unidos	6.182,87	14.514,55	2,35	0,7	16,9	16,1
Reino Unido	1.039,43	2.387,61	2,30	47,9	127,1	53,5
Bélgica	218,35	525,25	2,41	-2,5	39,7	43,3
Espanha	221,56	492,07	2,22	115,9	319,4	94,2
Outros	250,08	603,69	2,41	210,9	323,7	36,3
<b>Total</b>	<b>16.841,98</b>	<b>39.450,39</b>	<b>2,34</b>	<b>33,2</b>	<b>70,5</b>	<b>27,9</b>

Fonte: Elaborada pelos autores com dados básicos do SECEX (2004).

TABELA 3 - Exportações Brasileiras de Mel, por Estado, 2001 a 2003

Estado	2001			2002		
	Quantidade (t)	Valor (US\$1.000)	Preço (US\$/t)	Quantidade (t)	Valor (US\$1.000)	Preço (US\$/t)
São Paulo	197,36	249,63	1,26	5.387,04	10.348,74	1,92
Santa Catarina	1.814,50	2.042,32	1,13	2.717,84	4.634,32	1,71
Piauí	0,00	0,00	-	741,30	1.278,35	1,72
Ceará	244,48	236,89	0,97	1.965,62	3.461,95	1,76
Paraná	122,90	146,53	1,19	848,66	1.682,30	1,98
Minas Gerais	41,71	50,23	1,20	902,17	1.568,41	1,74
Outros	67,73	83,76	1,24	77,85	167,16	2,15
<b>Total</b>	<b>2.488,67</b>	<b>2.809,35</b>	<b>1,13</b>	<b>12.640,49</b>	<b>23.141,22</b>	<b>1,83</b>

  

Estado	2003			Var. % 2002-03		
	Quantidade (t)	Valor (US\$1.000)	Preço (US\$/t)	Quantidade	Valor	Preço
São Paulo	5.456,14	12.699,80	2,33	1,3	22,7	21,2
Santa Catarina	3.455,75	8.131,75	2,35	27,2	75,5	38,0
Piauí	2.949,84	6.856,42	2,32	297,9	436,3	34,8
Ceará	2.117,82	5.064,21	2,39	7,7	46,3	35,8
Paraná	1.530,20	3.635,31	2,38	80,3	116,1	19,8
Minas Gerais	814,03	1.897,02	2,33	-9,8	21,0	34,0
Outros	518,19	1.165,88	2,25	565,6	597,5	4,8
<b>Total</b>	<b>16.841,98</b>	<b>39.450,39</b>	<b>2,34</b>	<b>33,2</b>	<b>70,5</b>	<b>27,9</b>

Fonte: Elaborada pelos autores com dados básicos do SECEX (2004).

Apesar do retorno da China ao mercado internacional, as condições continuam favoráveis ao exportador brasileiro. Isso basicamente por duas razões: o câmbio favorável e a sobretaxa em 170% sobre o mel chinês por parte dos Estados Unidos. O mel chinês, que tem a mesma composição do produto brasileiro, é vendido no mercado internacional por US\$1.100 a tonelada (sem a sobretaxa norte-americana). Já o mel brasileiro tende a ser exportado por cerca de US\$1.800/t, depois de ser vendido até recentemente por mais de US\$2.000/t. Os exportadores não devem pagar mais do que R\$115,00 pela lata do mel nacional. Mas o apicultor ainda trabalha com a faixa de R\$200,00, ou até mesmo R\$250,00 a lata. A tendência é o preço ficar em torno de R\$100,00 a lata por volta de agosto, o que já é considerado um preço bom para o apicultor profissional (ZARA FILHO, 2004)<sup>5</sup>.

### 3.2 - Produção Brasileira

De 1999 a 2002, a produção brasileira de mel natural aumentou 21,49%, segundo o

Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE, 2004) que ainda não divulgou os dados de 2003. Esse crescimento representa a média da grande expansão da atividade no Nordeste (+99%), que evoluiu de uma participação de 14% do total nacional para 23%, e da modesta expansão sulina (+3,44%), o que reduziu sua participação de 60% para 51% (Tabela 4).

A produção do Sudeste cresceu perto da média brasileira e manteve a sua participação em 21%. A Unidade da Federação que apresentou maior crescimento relativo foi o Maranhão (639,57%) e a que teve o maior aumento absoluto de produção foi o Ceará (mais de 852 toneladas), seguido do Piauí (635 toneladas). A região Nordeste foi responsável pelo aumento de 2.767 toneladas (65 % do aumento brasileiro de 4.244 toneladas, entre 1999 e 2002) (Tabela 5).

A produção brasileira de mel em 2002 é estimada em cerca de 35 mil toneladas por lideranças do setor apícola, superior portanto aos números oficiais do IBGE. Os dados deste Instituto estão subestimados pois as informações são fornecidas pelos entrepostos e, tanto no Brasil quanto no mundo inteiro, 85% dos apicultores são pequenos que não entram nas estatísticas oficiais. Para exemplificar, a Associação Paulista

<sup>5</sup>Presidente da Associação Paulista de Apicultores Criadores de Abelhas Melíferas Europeias (APACAME).

TABELA 4 - Participação Percentual Regional na Produção Total Nacional, 1999 a 2002

Região	1999	2000	2001	2002
Norte	0,94	1,38	1,43	1,55
Nordeste	14,15	17,14	17,10	23,18
Sudeste	21,73	20,64	21,09	21,26
Sul	60,10	57,95	57,36	51,17
Centro-Oeste	3,09	2,89	3,02	2,85
Total	100,00	100,00	100,00	100,00

Fonte: Elaborada pelos autores com dados básicos do IBGE (2004).

TABELA 5 - Produção de Mel Natural, Brasil, Estados e Regiões, 1999 a 2002  
(em kg)

Brasil e estados	1999	2000	2001	2002	Variação	
					%	kg
Brasil	19.751.097	21.865.144	22.219.675	23.995.332	21,49	4.244.235
Rondônia	104.384	164.619	174.865	192.352	84,27	87.968
Acre	1.500	1.800	3.305	3.300	120,00	1.800
Amazonas	370	498	505	600	62,16	230
Roraima	3.515	4.720	4.720	12.530	256,47	9.015
Pará	51.570	83.354	78.285	91.621	77,66	40.051
Amapá	-	-	-	-	-	-
Tocantins	23.890	46.705	55.835	70.740	196,11	46.850
Maranhão	21.374	132.478	133.026	158.076	639,57	136.702
Piauí	1.586.541	1.862.739	1.741.078	2.221.510	40,02	634.969
Ceará	521.119	654.791	671.873	1.373.377	163,54	852.258
Rio Grande do Norte	158.596	171.084	160.749	247.048	55,77	88.452
Paraíba	17.140	30.036	32.364	41.228	140,54	24.088
Pernambuco	101.324	344.325	320.109	577.016	469,48	475.692
Alagoas	17.298	13.941	21.200	14.513	-16,10	-2.785
Sergipe	17.062	17.806	31.000	55.960	227,98	38.898
Bahia	354.585	520.908	688.105	873.278	146,28	518.693
Minas Gerais	1.884.749	2.100.982	2.068.024	2.408.189	27,77	523.440
Espírito Santo	183.259	176.655	179.725	275.957	50,58	92.698
Rio de Janeiro	418.410	405.556	385.255	359.672	-14,04	-58.738
São Paulo	1.804.969	1.830.345	2.053.218	2.057.457	13,99	252.488
Paraná	2.540.425	2.870.955	2.925.432	2.843.995	11,95	303.570
Santa Catarina	3.344.334	3.983.695	3.774.749	3.828.784	14,49	484.450
Rio Grande do Sul	5.984.766	5.815.448	6.045.420	5.604.663	-6,35	-380.103
Mato Grosso do Sul	280.393	302.786	340.363	334.428	19,27	54.035
Mato Grosso	202.012	191.547	188.188	174.845	-13,45	-27.167
Goiás	117.272	117.371	128.222	155.133	32,28	37.861
Distrito Federal	10.240	20.000	14.060	19.060	86,13	8.820
Regiões						
Norte	185.229	301.696	317.515	371.143	100,37	185.914
Nordeste	2.795.039	3.748.108	3.799.504	5.562.006	99,00	2.766.967
Sudeste	4.291.387	4.513.538	4.686.222	5.101.275	18,87	809.888
Sul	11.869.525	12.670.098	12.745.601	12.277.442	3,44	407.917
Centro-Oeste	609.917	631.704	670.833	683.466	12,06	73.549

Fonte: Elaborada pelos autores com dados básicos do IBGE (2004).

de Apicultores Criadores de Abelhas Melíficas Européias (APACAME) reúne mais de 4.000 sócios nessa categoria, cuja característica é a de possuir até 300 a 400 colméias. Esse número sobe para 80 mil apicultores, em termos de Brasil, considerados como pequenos produtores (semiprofissionais e amadores). O Brasil tem um contingente enorme de apicultores com 40 a 80 colméias, cuja característica é diversificar as suas atividades. A apicultura é um complemento de renda na propriedade (ZARA FILHO, 2004).

No Nordeste, a situação não é muito diferente, segundo estudos da Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária (Embrapa Meio Norte)<sup>6</sup>. Cerca de 90% dos apicultores nordestinos são agricultores familiares. Grande parte é formada de produtores isolados (não vinculados a cooperativas ou associações) cuja produção é comercializada sem o Serviço de Inspeção Federal (SIF), em feiras, mercearias, ruas, estradas, etc., não aparecendo, portanto, nas estatísticas oficiais. Com as exportações, o aumento da produção deu-se com a entrada de novos produtores e a retomada da atividade por parte daqueles que a abandonaram no passado, além de novos investimentos por parte dos apicultores profissionais.

Para 2003, estima-se que a produção brasileira (incluindo a não considerada pelo IBGE) não deverá ultrapassar as 35 mil toneladas, devido à quebra de safra. É quando os apicultores movimentam milhares de colméias para os reflorestamentos de eucalipto e encontram a florada seca, ou seja, sem néctar. O mesmo vale para a laranja. O apicultor desloca 500, 600 colméias e colhe 200 latas de mel, quando poderia atingir 100 quilos de mel por colméia. Também no caso da flora apícola silvestre o ano não foi favorável (ZARA FILHO, 2004).

### 3.3 - Produção em Microrregiões Homogêneas do Nordeste

Incentivos financeiros para investimento impulsionaram em grande parte a atividade apícola no Nordeste, que cresceu intensa e rapidamente na década de 1990. O Governo continua apoiando a apicultura nordestina. O principal agente financeiro é o Banco do Nordeste, assim

como o Banco do Brasil, através do Programa Nacional de Agricultura Familiar (PRONAF), e a ONG Cáritas. Além disso, o mel da região foi incluído no programa da Agência de Promoção de Exportações (APEX) como produto com potencial para o mercado externo (SILVA, 2004).

Projetos de apicultura são desenvolvidos nos vários estados do Nordeste com o respaldo de entidades como Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas (SEBRAE), Serviço Nacional de Aprendizagem Rural (SENAR) e Secretarias de Agricultura. Podem ser citados o Projeto Piloto de Qualidade de Produtos Apícolas, na Bahia; o Projeto Rainha, no Ceará; e o Projeto de Apicultura do Piauí (PROAPI). O Projeto Rainha, por exemplo, levou a apicultura para todos os pequenos e carentes agricultores do Ceará. Na área de pesquisa, recentemente, a Embrapa Meio Norte, do Piauí, fez concurso para pesquisador em apicultura com o objetivo de reforçar a geração de tecnologias nessa área. E já se trabalha para instalar um curso médio ou superior em apicultura (SILVA, 2004).

O pesquisador Ronaldo M. Barbosa da Silva considera o Nordeste como a nova fronteira apícola. Na região, há uma flora apícola rica e variada fornecida por vários ecossistemas como caatinga, cerrado, floresta, vegetação litorânea e áreas de transição. Estados como Ceará e Piauí, pobres em recursos naturais, têm uma vegetação formada por plantas rasteiras de difícil controle, que formam uma flora apícola exuberante. A esta flora tropical se juntam o calor e o sol que lhe deram origem. As abelhas são alimentadas pelas plantas que são geradas pelo sol (SILVA, 2004).

A apicultura foi fortemente impulsionada no Nordeste brasileiro pelos projetos embasados no conceito de Arranjos Produtivos Locais. A região nordestina maior produtora de mel, em 2002, segundo o IBGE, foi a do Baixo Jaguaribe, no Ceará. A quantidade obtida neste ano, de 627 toneladas de mel, foi 331% superior à produção de 1999 (Tabela 6). Dentro desta Microrregião Homogênea destacam-se os municípios de Limoeiro do Norte, com 390 toneladas, e Alto Santo, com 160 toneladas.

A atividade apícola na região do Baixo Jaguaribe é bastante antiga, significando uma alternativa de sobrevivência aos moradores desta região que é extremamente seca, mas que no entanto possui uma flora bastante diversificada e propícia à atividade produtiva do mel. No início dos anos de 1980, o maior produtor da região

<sup>6</sup>Entrevista concedida pelo pesquisador Ricardo Costa Rodrigues de Camargo, em 30 mar. 2004.

iniciou no ramo da apicultura como uma fonte alternativa para sua renda pessoal. Tudo começou com 50 colméias, em 1983, e depois foi aumentando através de um financiamento que recebeu do Banco do Nordeste, passando assim para mais de 250 colméias. A atividade foi tomando vulto e o produtor passou a direcionar seus estudos para o setor da apicultura, chegando inclusive a se graduar em agronomia e fazer mestrado em apicultura. Em 1998, foi lançado o Plano de Desenvolvimento da Apicultura no Baixo Jaguaribe que forneceu 100 colméias para cada pequeno produtor da região. O plano ainda incluiu um financiamento de R\$14.000,00 (cedido pelo Banco do Nordeste)

para a construção das Casas do Mel e equipamentos (GOVERNO, 2004).

O sucesso do plano trouxe flagrantes e rápidos benefícios aos produtores da região, que já teriam obtido 800 toneladas de mel em 2003, por exemplo, permitindo que um grupo de 180 apicultores que participam do Plano de Desenvolvimento da Apicultura do Baixo Jaguaribe, criado em 1998, saísse da condição de miséria e hoje ande em carro seminovo (SECITECE, 2004).

A segunda região melífera mais importante do Nordeste foi a de Ribeira do Pombal, na Bahia, com uma produção de 308 toneladas em 2002, 216% superior à de 1999 (Tabela 6).

TABELA 6 - Principais Microrregiões Homogêneas Nordestinas Produtoras de Mel, 1999 a 2002 (em kg)

MRH	1999 (A)	2000 (B)	2001 (C)	2002 (D)	Var. % (D)/(A)
Baixo Jaguaribe (CE)	145.535	212.402	213.895	627.429	331,12
Ribeira do Pombal (BA)	97.350	106.500	199.690	308.000	216,38
Araripina (PE)	26.980	255.133	186.280	302.097	1019,71
Cariri (CE)	195.637	181.965	172.321	182.846	-6,54
Baixo Parnaíba Piauiense (PI)	50.276	86.355	100.327	142.945	184,32
Valença do Piauí (PI)	74.199	73.635	77.239	141.711	90,99
São Raimundo Nonato (PI)	211.510	346.961	283.860	135.871	-35,76
Litoral de Aracati (CE)	9.087	9.589	8.952	119.565	1215,78
Pindaré (MA)	4.684	106.090	104.189	107.848	2202,48
Campo Maior (PI)	46.477	66.125	76.763	102.773	121,13
Feira de Santana (BA)	11.094	51.725	121.507	102.602	824,84
Pacajus (CE)	22.082	25.250	26.790	102.500	364,18
Chapada do Apodi (RN)	90.540	92.547	84.626	94.698	4,59
Sertão de Senador Pompeu (CE)	11.043	53.100	82.850	85.545	674,65
Vitória da Conquista (BA)	7.789	13.251	59.525	81.375	944,74
Itamaracá (PE)	7.100	7.100	7.100	65.000	815,49
Paulo Afonso (BA)	7.364	7.248	7.270	64.348	773,82
Mossoró (RN)	28.217	30.264	28.101	62.454	121,33
Chorozinho (CE)	49.102	43.110	42.880	61.030	24,29
Iguatu (CE)	11.295	22.730	26.500	57.190	406,33
Recife (PE)	14.843	11.190	11.385	50.400	239,55
Porto Seguro (BA)	42.594	45.354	43.709	45.043	5,75
Vale do Ipojuca (PE)	16.993	21.963	30.948	42.800	151,87
Serrinha (BA)	1.651	1.846	37.940	40.485	2352,15
Médio Capibaribe (PE)	13.200	12.800	32.900	37.600	184,85
Serra do Pereiro (CE)	9.480	10.600	10.850	37.480	295,36
Alagoinhas (BA)	36.250	35.315	36.380	36.871	1,71
Floriano (PI)	62.880	76.756	21.800	34.300	-45,45
Sertão do Moxotó (PE)	3.770	10.820	14.250	32.600	764,72
Litoral Piauiense (PI)	65.013	50.308	31.242	30.903	-52,47
Baixa Verde (RN)	1.339	3.120	2.381	28.480	2026,96
Médio Parnaíba Piauiense (PI)	16.203	12.160	20.853	28.238	74,28
Lavras da Mangabeira (CE)	14.106	23.449	24.228	24.886	76,42
Sergipana do Sertão do São Francisco (SE)	0	0	11.500	22.800	-
Baturité (CE)	9.000	21.930	21.311	20.723	130,26
Gurupi (MA)	2.468	11.500	14.050	20.532	731,93

Fonte: Elaborada pelos autores com dados originais do IBGE (2004).

O trabalho do SEBRAE/BA no Arranjo Produtivo do Mel é feito na região nordeste do Estado, local de maior produção e que conta com significativo nível de organização. A região já possui a experiência de quase três décadas na apicultura e, a partir de 1997, com a orientação, dentre outros, do programa do SEBRAE "Convivendo com a Seca", houve uma melhor capacitação tecnológica, além de uma maior organização em associações e cooperativas por parte dos produtores. Entre os municípios de destaque na área do Arranjo Produtivo do Mel, que inclui parte do norte do Estado, estão Ribeira do Pombal, Nova Soure, Inhambupe, Sátiro Dias, Araci, Tucano, Jeremoabo e Paulo Afonso. Em todo o Estado existem hoje em torno de 30 mil colméias e 3.500 apicultores, reunidos em 70 associações, 9 cooperativas singulares e uma central de cooperativas (SEBRAE, 2004).

A terceira região mais importante na apicultura nordestina é Araripina, em Pernambuco, que produziu 302 toneladas de mel em 2002, com incremento de mais de 1.000% em relação a 1999, de acordo com o IBGE. Mais um exemplo positivo da atuação do SEBRAE, associado a entidades locais, e uma demonstração das importantes transformações que a atividade apícola vem provocando em áreas tradicionalmente pouco desenvolvidas e sofredoras com as secas. A apicultura, produção de mel e outros produtos derivados, é uma atividade típica de pequenos produtores e que emprega a mão-de-obra do campo. Trata-se de uma alternativa com grande potencial para a melhoria de renda do meio rural. Estudos sobre a cadeia produtiva da apicultura no Nordeste dão conta de que o crescimento dessa atividade é impressionante. Na prática, agricultores que antes priorizavam o cultivo de feijão, milho, algodão e outras culturas dependentes de chuva, passaram a investir na apicultura. De fato, a renda gerada pela apicultura é maior e mais segura do que a das outras culturas, pelo crescimento do mercado dos produtos orgânicos e pelos bons preços oferecidos aos produtos apícolas, devido às suas conhecidas propriedades alimentícias e terapêuticas. Além disso, é uma atividade agrícola com menor dependência das chuvas (CARTE, 2004).

#### 4 - CONSIDERAÇÕES FINAIS

Há interesse crescente por parte dos apicultores com a capacitação visando o aumen-

to da produtividade. A produtividade média brasileira varia de 18 a 20 quilos por colméia por ano, enquanto a Argentina, por exemplo, alcança 38 quilos/colméia/ano. Por isso, considera-se mais importante o ganho de produtividade por colméia do que a quantidade de colméias. Em São Paulo, a APACAME, por exemplo, tem enfatizado a preocupação com a busca da produtividade em suas atividades regulares. Além dos concorridos cursos básicos para iniciantes, promove a discussão de assuntos técnicos em suas reuniões plenárias mensais que ocorrem há mais de 30 anos. E, mais recentemente, está fazendo acordos com universidades e instituições de pesquisa para estágio e treinamento em nível mais avançado. O objetivo é transformar meros donos de abelhas em apicultores, que, com um bom trabalho de manejo, possam alcançar 45 quilos de mel por colméia/ano em apiário fixo, desde que o apiário tenha um número de colméias proporcional ao potencial do pasto apícola local. Já na apicultura migratória, quando o produtor viaja com as colméias ao encontro das floradas, esta produtividade pode chegar a 80-100 quilos por colméia/ano. Interessa sobretudo ao apicultor técnico que troca rainhas todo ano, que prepara os enxames para as floradas. Às vezes, é preciso entrar com suporte de alimento para fortalecer os enxames e, assim, se preparar para a chegada de uma boa florada, o que melhora as condições de produção (ZARA FILHO, 2004).

A produção brasileira de mel, seja pelo número do IBGE seja pela estimativa do setor, não é suficiente para atender às necessidades do mercado interno<sup>7</sup>. Até porque o País não deve ficar na dependência do mercado externo, visto que não pode concorrer com países como a China e a Argentina. Assim, deve-se estimular o consumo interno, quer por meio de inclusão do produto na merenda escolar quer por meio de campanhas voltadas para a mudança de conceito, do mel visto como remédio para o mel como alimento nutritivo. No mercado internacional, o Brasil deve explorar nichos de mercado, como mel orgânico e comércio solidário, cujo produto é diferenciado (mel de mesa) e assim obtém maior preço.

O potencial de exploração dos pastos apícolas naturais do Nordeste brasileiro, com o

<sup>7</sup>Entrevista concedida pelo pesquisador Ricardo Costa Rodrigues de Camargo, em 30 mar. 2004.



apoio institucional de governos estaduais, bancos federais e entidades como Sebrae, Senar e Cáritas, resultou na expansão da produção de mel orgânico certificado, obtida principalmente em produção familiar. A exportação desse pro-

duto diferenciado tende a consolidar e ampliar um espaço conquistado no mercado internacional, cujos benefícios têm proporcionado a melhoria sócio-econômica em áreas de pobreza crônica.

## LITERATURA CITADA

FAO. **Organização para a Alimentação e a Agricultura das Nações Unidas - FAOSTAT**. Disponível em: <<http://www.fao.org/ag/guides/resource/data.htm>>. Acesso em: 16 fev. 2004.

CARTE, R. Apicultura fortalecida. **Jornal de Fato**. Disponível em: <<http://proasne.net/jornaldefato11.htm>>. Acesso em: 30 mar. 2004.

GOVERNO DO CEARÁ - IPLANCE. **Arranjo produtivo local de mel em limoeiro do norte**. Disponível em: <[http://www.iplance.ce.gov.br/estudos\\_setoriais/ArranjosProdutivos/APL%20-%20Mel%20-%20Limoeiro%20do%20Norte.pdf](http://www.iplance.ce.gov.br/estudos_setoriais/ArranjosProdutivos/APL%20-%20Mel%20-%20Limoeiro%20do%20Norte.pdf)>. Acesso em: 30 mar. 2004.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA - IBGE. **Produção Pecuária Municipal**. Disponível em: <<http://www.sidra.ibge.gov.br/bda/tabela/listabl.asp?c=74&z=t&o=2>>. Acesso em: mar. 2004.

PEREZ, L. H.; FREITAS, B. B. de; RESENDE, J. V. de. (2003a). **Brasil torna-se exportador de mel em apenas dois anos**. Disponível em: <<http://www.iea.sp.gov.br/out/verTexto.php?codTexto=634>>.

\_\_\_\_\_; \_\_\_\_\_. (2003b). **Valor das exportações de mel aumenta sete vezes no primeiro trimestre de 2003**. Disponível em: <<http://www.iea.sp.gov.br/out/verTexto.php?codTexto=735>>.

SEBRAE. **Arranjos produtivos locais: apicultura**. Disponível em: <<http://www2.ba.sebrae.com.br/arranjosprodutivos/{65B02571-64FD-4DCE-9F85-7BF5616F0F8D}.asp>>. Acesso em: 30 mar. 2004.

SECITECE. **Ceará exportou 1,8 mil toneladas de mel em 2002**. Disponível em: <<http://www.sct.ce.gov.br/noticia.asp?ldNews=73>>. Acesso em: 30 mar. 2004.

SECRETARIA DE COMÉRCIO EXTERIOR - SECEX. Disponível em: <<http://www.mdic.gov.br>>. Acesso em: 15 fev. 2004.

SILVA, E. C. A. da. **Produção e exportação de mel no nordeste** [mensagem pessoal]. Mensagem recebida por venancio@iea.sp.gov.br em 21 fev. 2004.

ZARA FILHO, C. **Perspectivas da produção e exportação de mel**. São Paulo, 2004. Entrevista concedida para José Venâncio de Resende.

## **EXPORTAÇÕES BRASILEIRAS DE MEL NATURAL NO PERÍODO 2001-2003**

**RESUMO:** *Este trabalho caracteriza as alterações na produção e exportação do mel natural brasileiro, ocorridas nos primeiros anos do século XXI. Destaca o crescimento da importância de regiões nordestinas que, por meio da exportação de mel, obtido principalmente em produção familiar e com apoio institucional, têm proporcionado a melhoria sócio-econômica em áreas de pobreza crônica.*

**Palavras-chave:** *exportações, mel, apicultura, produção familiar, nordeste.*

**BRAZILIAN NATURAL HONEY EXPORTS OVER 2001-2003**

**ABSTRACT:** *This work characterizes the alterations in the production and export of the Brazilian natural honey over the first years of the century XXI. It emphasizes the growing importance of North-eastern areas that, through the export of honey mainly obtained in family production units and with institutional support, have been providing the socioeconomic improvement in areas of chronic poverty.*

**Key-words:** *exports, honey, beekeeping, family production, northeast.*

---

Recebido em 20/04/2004. Liberado para publicação em 04/05/2004.

*Informaç õ es Econôm icas, SP, v.34, n.6, jun. 2004.*